

# PsittaScene Verão 2014

Tradução por André B. Saidenberg

## SUMÁRIO

- 2 Mensagem do Diretor - *Jamie Gilardi*
- 4 O que há em um nome? - *Taxonomia e conservação de psitacídeos* - *Papagaio Moleiro*
- 9 Esquadrão da Força Aérea Holandesa - *Polly Parrot*
- 10 O resgate – *Arara-verde-grande*
- 12 Caturritas Invasoras nas Ilhas Caimã
- 16 Reflexões sobre controle populacional
- 17 Paraíso descoberto – ótimas notícias para os Papagaios-de-nuca-amarela
- 19 Páginas Pet – Uma estória de duas mordidas
- 22 PsittaNews – *Notícias e Eventos* – Contatos do *WPT*
- 24 Psitacídeos na natureza – *Arara-piranga*

## Mensagem do Diretor

Apesar de que a equipe do Trust está bastante dispersa, nós funcionamos como uma família muito unida, trabalhando em conjunto ano após ano, com somente algumas mudanças ocasionais entre nossa equipe. No início deste ano, tivemos a transição em nossa equipe da PsittaScene com nossa editora saindo, e suas responsabilidades sendo adquiridas por dois de nossa equipe no Canadá.

Joanna Eckles começou com o Trust em 1999 como administradora do recém lançada seção do WPT-EUA. Em Maio de 2006, ela deixou este trabalho com Glenn Reynolds, e abraçou a edição da PsittaScene. A “edição” nesse caso significava ser multi uso, desde o conteúdo e editoração, até design, entre outros – sempre trabalhando lado a lado (mesmo que através do mar) com Karen Whitley em Cornwall, Reino Unido. Juntas elas lançaram cada edição com sucesso quatro vezes ao ano, com a hábil edição de Joanna e um olhar de design criativo, trazendo à revista uma aparência profissional e nova juntamente com um conteúdo consistente de alta qualidade. Por fim, após se dedicar por 15 anos, Joanna saiu para começar um emprego de tempo integral na Audubon de Minnesota onde ela está liderando projetos de conservação com aves.

Com as habilidades de Joanna a preencher, nós ficamos aliviados em perceber que já tínhamos essas habilidades em outros locais na família do WPT, especialmente com a delicadeza de edição com que Desi Milpacher aperfeiçoou em mais de 80 edições da Flock Talk, no site parrots.org, campanhas, e publicações online. E Michelle Kooistra desenvolveu uma forte percepção de design enquanto trabalhava nas campanhas do WPT, sites e outros projetos. Desi e Michelle irão continuar a

trabalhar com Karen, que coordena o processo de montagem e impressão, e envia cada cópia a sua destinação apropriada ao redor do mundo.

Portanto, embora todos estejam tristes em dizer um adeus à Joanna, também estamos animados por essa edição ser a primeira com a Desi e Michelle trabalhando com sucesso em seu lugar. Esperamos que você aproveite o trabalho de nossa equipe recém formada agora e pelos anos que virão.

Jamie Gilardi  
Diretor Executivo

### **Capas**

**FRENTE** Uma Arara-verde-grande (*Ara ambiguus*) descansa em uma árvore na América Central. Essas araras estão ameaçadas na natureza. Leia O Resgate, página 10. © Steve Milpacher

**VERSO** Uma Arara-piranga selvagem (*Ara macao*) lança-se em vôo em Copan, Honduras, como parte de um programa de reprodução iniciado pelo Macaw Mountain Bird Park e Nature Reserve. © World Parrot Trust

Citação: ...corremos um risco muito real de permitir a extinção de uma espécie simplesmente porque falhamos em reconhecê-la como tal. O que há em um nome, página 4.

### **O que há em um nome?**

Escrito por Timothy F. Wright e Michael A. Russello

No Segundo Ato, cena 2 de *Romeo e Julieta* de Shakespeare, Julieta declara “O que há em um nome? O que chamamos de rosa / por qualquer outro nome iria cheirar doce.” Embora esse sentimento seja adequado para amantes sem sorte tentando escapar das amarras das famílias feudais, no mundo da ciência e da conservação, nomes realmente importam.

Isso é particularmente verdadeiro quando se define a unidade fundamental da biologia – as espécies. Embora existam definições variadas do que exatamente constitui uma espécie, a maior parte dos cientistas compreendem o termo como significando uma coleção de indivíduos que representam uma unidade evolucionária distinta capaz de cruzar entre si.

A ciência da taxonomia é dedicada a caracterização e nomeação de espécies. É uma disciplina antiga que vêm desde pelo menos Aristóteles, mas tem uma relevância particular quando se trata da disciplina bastante moderna da biologia da conservação.

Isso se deve porque nosso sistema para proteger a biodiversidade está baseado no conceito de espécie – nós dedicamos esforços e recursos para a proteção de espécies que são consideradas estarem ameaçadas, e menos para espécies que não estão. Mas e naqueles casos onde nossa taxonomia não está certa?

Em particular, e naqueles casos nos quais existem diversas espécies diferentes não reconhecidas aglomeradas como uma única espécie, talvez porque pareçam fisicamente similares? E se uma dessas espécies assim chamadas “crípticas” era rara e ameaçada e a outra era comum? Falando em termos práticos, nesses casos os esforços de conservação estão limitados porque o que nós reconhecemos como uma espécie, no agregado de duas ou mais espécies crípticas, não parece estar ameaçado.

Em tais casos nós corremos um risco real de permitir a extinção de uma espécie simplesmente porque falhamos em reconhecê-la como tal. Um estudo recente que conduzimos com um estudante de graduação, Ted Wenner, sugere que podemos estar em perigo de tal cenário com uma espécie familiar de psitacídeo, o *Amazona farinosa*, Papagaio moleiro.

O Papagaio moleiro é uma espécie bem difundida nas florestas tropicais distribuídas no lado Caribenho do sul do México atravessando a América Central, Norte da América do Sul e através da bacia amazônica, com uma população espacialmente separada nas florestas grandemente fragmentadas no sul do Brasil.

Os taxonomistas reconhecerem há muito tempo diversas subespécies diferentes baseando-se nas aparências físicas, incluindo *A. f. guatemalae* no sul do México e Guatemala, *A. f. virenticeps* de Honduras até o oeste do Panamá, *A. f. inornata* no leste do Panamá e Noroeste da América do Sul, *A. f. chapmani* no sopé leste dos Andes, e *A. f. farinosa* na Bacia Amazônica e Mata Atlântica no Brasil.

Em várias épocas, diferentes autoridades taxonômicas defenderam o reconhecimento de pelo menos uma dessas subespécies como uma espécie separada, mas os taxonomistas recentes os trataram como uma única e extensa espécie. Antes de nosso trabalho, não havia um estudo completo do que as variações genéticas poderiam nos dizer sobre as diferenças evolucionárias de diferentes subespécies.

Ao contrário de muitos de seus primos *Amazona*, que estão classificados na Lista Vermelha da IUCN como Vulneráveis ou Ameaçados devido às pressões que incluem perda de habitat e captura para o comércio de animais de estimação, o Papagaio moleiro está classificado como uma espécie de menor preocupação.

Essa classificação, no entanto, é devido primariamente a observação de que as populações na América do Sul estão se saindo bem. Na América Central, onde tanto a perda de habitat e tráfico são mais extensos, as populações estão em uma situação muito pior. E o que é crítico, essa classificação é baseada na suposição de que as populações se estendendo do México ao sul do Brasil são todos membros da mesma espécie.

Em 2011 o World Parrot Trust nos perguntou para testarmos essa suposição utilizando informações genéticas modernas. O pedido foi iniciado por um estudo das relações evolucionárias do gênero *Amazona* realizado anteriormente por Mike Russello, nos quais ele incluiu quatro das subespécies de Papagaio moleiro, dois da América central e dois da América do sul (Russello e Amato, 2004 *Molecular Phylogenetics and Evolution*).

Ele descobriu uma grande separação genética entre as subespécies da América Central e do Sul. Na verdade, essa separação foi tão profunda como a encontrada entre outras espécies de *Amazona* reconhecidas por longo tempo. Esse resultado indicou claramente que os dois grupos das subespécies deveriam ser considerados diferentes espécies. Mas existiram limitações a esse estudo. Uma foi a de que Mike havia incluído somente um único representante de cada das quatro subespécies, portanto era difícil julgar se a variação vista entre as diferentes subespécies poderia também ser detectada dentro de uma dada espécie.

Além do mais, as amostras que ele utilizou foram coletadas de aves vivendo em cativeiro com origens incertas. Essas limitações deixaram incertezas o suficiente sobre o status da espécie que os taxonomistas e a IUCN não estavam com vontade de declarar que os dois grupos de subespécies eram distintas espécies, valendo a pena um status de conservação separado.

Ao delinear o nosso novo estudo, determinamos que as amostras documentadas eram uma necessidade crítica. As amostras documentadas são tecidos guardados de aves coletadas na natureza por museus de história natural que estão ligados às peles de aves preservadas em coleções de museus. Tais amostras são o padrão de ouro para estudos tais como os nossos devido à informação detalhada sobre a localidade e condição da ave que as acompanha.

Adicionalmente, a presença de peles bem preservadas em uma coleção permite que os cientistas do futuro possam cruzar as informações genéticas de amostras com a informação física disponível do próprio tecido.

Nós três contatamos numerosas coleções de museus ao redor do mundo requisitando amostras de Papagaios moleiros; no total, sete diferentes instituições nos mandaram pequenos pedaços de tecido de amostras documentadas que haviam coletado. E mais importante, essas amostras documentadas a distribuição da espécie, e incluíram representantes múltiplos de cada subespécie.

Com as amostras em mãos, Ted começou a trabalhar no laboratório. Ele rapidamente extraiu o DNA do tecido e amplificou as sequências de uma variedade de genes representando tanto os genomas nuclear e mitocondrial. Nós então conduzimos diversas análises diferentes para caracterizar as similaridades genéticas e diferenças entre essas amostras.

Os resultados proporcionaram uma confirmação surpreendente dos resultados iniciais de Mike. Encontramos grandes distâncias genéticas entre as duas

subespécies da América Central por um lado e três subespécies Sul Americanas no outro (Fig.1.).

Essas diferenças eram tão grandes como aquelas encontradas entre as muitas aves bem estabelecidas. Dentro da América do Sul, encontramos diferenças consistentes entre a subespécie *inornata* no noroeste e na subespécie *farinosa* no centro da América do Sul, apesar de que essas diferenças foram menores do que aquelas encontradas entre as subespécies da América Central e do Sul.

Em contraste a isso, não encontramos diferenças consistentes entre os representantes da subespécie *chapmani* e nas subespécies *farinosa* vizinhas, tampouco detectamos qualquer diferença entre as populações de *farinosa* da Bacia Amazônica e da Mata Atlântica. E por fim, não detectamos nenhuma diferença consistente entre as duas subespécies da América Central. Os resultados foram publicados no periódico *Conservation Genetics* (Wenner, Russello e Wright, 2012, *Conservation Genetics*).

Como essas diferenças genéticas entre as subespécies evoluíram? Para lidar com essa questão, nós estimamos um período geral de tempo dentro do qual as linhagens da América Central e do Sul divergiram utilizando um relógio molecular. Essa abordagem toma a vantagem da observação geral de que o número de diferenças genéticas entre dois grupos está relacionada À quantidade de tempo desde que se separaram geneticamente.

No caso do Papagaio Moleiro, uma estimativa básica do número de diferenças genéticas e um relógio molecular padrão sugerem que as linhagens da América Central e do Sul se dividiram de um ancestral comum aproximadamente 1,8 a 2,7 milhões de anos atrás, após a formação do Istmo do Panamá há 3,5 milhões de anos atrás. Esse tempo sugere um cenário no qual a população ancestral em comum viveu na América do Sul, e a linhagem que eventualmente resultou nas subespécies da América Central se dividiu e dispersou acima do istmo do Panamá.

A população Sul Americana mais tarde experienciou uma nova divisão entre populações na bacia da Amazônia central e na parte noroeste do continente, talvez influenciada pelo aumento contínuo das montanhas dos Andes. Esse resultado enfatiza o fato importante que a evolução, e as diferentes espécies que resultam disso, é um processo contínuo ao invés de algo que somente aconteceu a eras atrás.

E o que esses resultados genéticos nos contam sobre a diversidade críptica dentro de uma única, atualmente reconhecida espécie de Papagaio moleiro? Eles sugerem que, no mínimo, essa única espécie deve ser tratada como duas espécies distintas, uma na América Central e uma na América do Sul e Panamá.

Um argumento que também pode ser feito para as subespécies *inornata* e *farinosa* dentro da América do Sul é que cada uma deve ser dada um status completo de espécie, mas nesse caso não é tão forte devido às pequenas distâncias genéticas observadas entre essas duas subespécies.

De qualquer modo, é a distinção entre as populações da América Central e do Sul que tem as mais importantes implicações para conservação, dadas as intensas pressões que experienciam atualmente as populações da América Central. O reconhecimento dessas populações como espécies únicas iria imediatamente resultar em uma reconsideração do status de conservação para melhor refletir as ameaças que estão enfrentando.

Então o que há em um nome? Infelizmente para *Romeo e Julieta*, os nomes significavam tragédia. Ao contrário de *Romeo e Julieta*, essa estória de um nome pode ter um final feliz. O grupo taxonômico responsável pela nomeação das aves da América Central e do Sul nos pediu para submetermos uma proposta para reclassificar o Papagaio Moleiro.

Um pedido para a IUCN reconsiderar o status de conservação iria ser feito em seguida. Apesar de que essas propostas requererem considerações cuidadosas, existe uma boa chance de que, com atenção contínua, a nova informação genética coletada irá eventualmente levar à nomeação de uma nova espécie de *Amazona* na América Central.

O que é mais importante, o status taxonômico mais elevado iria oferecer importantes oportunidades para reconhecer com mais precisão as ameaças enfrentadas por essa nova espécie proposta de importância conservacionista.

**Fotos:** *A.f. farinosa* © Valdir Hobus

Fig.1. O mapa abaixo ilustra as distribuições das subespécies atualmente reconhecidas de *Amazona farinosa*. A rede à direita do mapa ilustra as distâncias genéticas entre diferentes subespécies, com o comprimento dos ramos proporcionais ao número dos passos mutacionais entre amostras (até seis mudanças e ilustrado com os números que seguem).

Fig 1. Adaptado de “Espécies crípticas em um psitacídeo Neotropical: variação genética dentro do complexo da espécie *Amazona farinosa* e suas implicações para conservação”, por Wenner, TJ and Russello, MA and Wright, TF, 2012, *Conservation Genetics*, p. 13. Copyright © 2012.

Créditos das fotos:

*A. f. virenticeps* © Jason Rothmeyer

*A. f. guatemalae* © JD Gilardi

*A. f. inornata* © Steve Cushing

*A. f. farinosa* © JD Gilardi

*A. f. chapmani* © Glenn Bartley

*A. f. virenticeps* © Luis Guzman

## **Papagaio moleiro**

O Papagaio moleiro ocorre na parte tropical da América Central e do Sul. Frequenta florestas úmidas a semi-úmidas e plantações. Devido a que o Papagaio moleiro tem sido fortemente capturado para o comércio de aves selvagens e caçado como alimento da Guiana Francesa, existe a evidência de um declínio na população.

**Você Sabia?** O nome moleiro vê da coloração peculiar da ave, dando a ela uma aparência “empoeirada”.

## **Sobre os autores**

**Tim Wright** é Professor associado na Universidade Estadual do Novo México. A pesquisa no laboratório de Tim se concentra na função e evolução da comunicação vocal em psitacídeos.

**Michael Russello** é Professor associado no Departamento de Biologia na universidade da Colúmbia Britânica, Campus Okanagan. A pesquisa no Laboratório de Rusello se concentra na genética de populações e conservação de espécies de peixes e animais selvagens, incluindo psitacídeos neotropicais.

## **Esquadrão da Força Aérea Holandesa**

### **Polly Parrot**

#### **Escrito por Desi Milpacher**

Inspiração pelo Papagaio do Congo, companheiro para os pilotos da força aérea: Décadas atrás, em meio à segunda guerra mundial, um esquadrão separado foi formado dentro da Força Aérea Real Holandesa. Essa unidade, n. 322, continuou a combater pelo resto da guerra e diversos conflitos desde então. Ao longo do caminho o grupo adotou um número de Papagaios do Congo como mascotes – e as aves se tornaram uma parte integral das operações das aves nos aviões que voaram.

O mais recente Polly Parrot – “Polly Grey V” foi adotado em 1989. Uma imagem do adorado companheiro da equipe adorna cada um dos aviões do esquadrão (Imagens © *Netherlands Air Force*.)

### **Carta:**

29-11-2013

*Cara Sra. Senni,*

*Obrigado pelo seu e-mail. Pode ter certeza de que pelo tempo que nosso esquadrão estiver funcionando o Papagaio do Congo nunca será extinto, já que por tradição nosso esquadrão não irá voar sem um Polly oficial! Com exceção de emergências graves, claro.*

*O primeiro Polly tem estado conosco desde a Segunda Guerra Mundial, e os Pollies seguiram o Esquadrão 322 em nossas missões durante a guerra na Inglaterra, Holanda, Alemanha, Indonésia, Nova Guiné, Bósnia, Kosovo, Afeganistão e Líbia. Ela tem sua própria tratadora aqui no esquadrão que a cuida como se fosse sua própria filha, incluindo um monitoramento rígido de sua dieta com alimentação indicada por veterinários.*

*É bastante triste saber que a captura de psitacídeos é um problema tão grande na África; Não posso imaginar um animal selvagem sendo um bom pet.*

*Eu adicionei uma imagem de Polly, um dos nossos F16s e nosso emblema do esquadrão, aprovado pelo Rei George da Inglaterra em 1943.*

Com os melhores cumprimentos, 1 tenente W. "Bluetang" Roelofs, Esquadrão da Força Aérea Real Holandesa 322 RF, Ministro da Defesa.

## **O resgate**

### **Escrito por Eric Horstman**

A Fundação Pro-Bosque vem trabalhando desde 1993 para proteger e restaurar a Floresta Protegida de Cerro Blanco, uma reserva de quase 15.000 acres de Floresta Seca Equatoriana perto da maior cidade do país, Guayaquil. Foi aqui em uma pequena área de reserva que um drama começou a se desdobrar com uma das araras mais raras do mundo.

Um ninho de Arara verde grande (*A.a. guayaquilensis*) foi descoberto na parte noroeste da floresta no começo de Julho. O ninho estava em um tronco de uma árvore Pigio (*Cavanillesia platanifolia*) que estava morrendo em uma área dominada por outras árvores da mesma espécie. A cavidade aberta do ninho estava localizada próximo de 30 metros do chão em um tronco macio, e cinza da árvore que tem seus característicos anéis concêntricos. A casca da árvore Pigio é similar à madeira balsa em consistência e anteriormente as araras haviam sido vistas utilizando os seus bicos e garras para escavar as cavidades dos ninhos.

O macho retornava ao ninho três a quatro vezes ao dia para alimentar a fêmea, que brevemente punha o rosto para fora do topo da cavidade do ninho para receber o alimento regurgitado.

Em 31 de Outubro a cabeça do filhote foi vista pela primeira vez na entrada e tudo parecia apontar para uma nidificação sem acontecimentos, porém bem sucedida. A fêmea começou a deixar o filhote por períodos maiores de tempo acompanhando o macho em busca de alimento.

No entanto, durante todo o período da nidificação, uma série de incidentes ocorreram com um número de aves de rapina tentando nidificar. De 10 de Julho a 23 de Agosto, um casal de Gavião pedrês (*Buteo nitidus*) nidificou em um grande Pigio a quase 40 metros de distância das araras. Os falcões frequentemente voavam



próximo do ninho das araras e até mesmo atacavam o macho quando este tentava retornar ao ninho, dando encontrões em seu corpo. Na noite de 23 de Agosto um predador desconhecido atacou o ninho e os falcões subsequentemente saíram da área.

Esse foi só o começo da batalha com as araras: começando em 14 de Julho, um casal de Gavião relógio (*Micrastur semitorquatus*) foi observado próximo do ninho das araras. As coisas começaram a esquentar quando em 6 de Agosto a fêmea do falcão entrou na cavidade do ninho da arara, mas foi afugentada pelo macho. Daí por diante através do mês de Agosto os ataques dos falcões se tornaram mais frequentes, com as aves mergulhando sobre as araras e atacando com seus bicos.

Eles também batiam-se com as araras, agarrando-as com suas garras e desistindo do ataque conforme caíam em direção ao chão. Em 6 de Novembro os gaviões estavam impedindo as araras de se aproximarem de seu ninho e as perseguiam algumas vezes mais de 180 m do ninho.

A arara juvenil ficou desesperada por alimento durante dois dias do cerco dos falcões e foi atacada mais de vinte vezes na entrada do ninho.

Finalmente as coisas se tornaram graves quando em oito de Novembro a arara juvenil foi literalmente arrancada do ninho pelo casal de falcões. Um de nossos pesquisadores que estava observando as araras em um esconderijo próximo correu para resgatar o filhote conforme os dois falcões o atacavam na base do ninho.

Felizmente o filhote de arara estava ileso e após dois dias na minha casa sendo alimentado com nozes, mamão e outras frutas, o filhote foi levado de volta ao local do ninho.

O juvenil foi colocado de volta no ninho. Numa cena saindo direto de Hollywood, os pais voaram sobre o local e o juvenil saiu voando atrás deles. As três araras foram vistas voando juntas na área ao redor por diversos dias após isso. Os gaviões relógio então rapidamente ocuparam a cavidade para fazer seu próprio ninho.

Eric Horstman é o Diretor Executivo da Fundacion Pro-Bosque, Equador.

A Fundação Pro-Bosque começou o seu programa de Conservação da Arara de Guayaquil em 1993 e tem continuado até o presente. O seu trabalho se concentrou em localizar e proteger ninhos ativos para prevenir o roubo de filhotes para o comércio nacional para aves de estimação, proteção das araras e outras espécies de animais selvagens através de patrulhas anti-tráfico pelos guarda parques, e restauração do habitat com espécies de árvores nativas utilizadas tanto como comida como para nidificação pelas Araras verde grandes.

**Legendas:** Arara verde grande © Steve Milpacher

Adulto mantendo a guarda sobre o ninho. Foto © Eric Horstman

O Gavião relógio é encontrado em uma variedade de habitats tropicais florestais desde o México Central até o Sul do Brasil, e se alimenta de uma variedade de pequenos mamíferos e aves. É a maior espécie dentro do gênero *Micrastur*. Foto © Alan Huett | Creative Commons 2.0

O local para o ninho no tronco de uma árvore Pigio morrendo (*Cavanillesia platanifolia*) na Floresta Protegida de Cerro Blanco. Foto © Eric Horstman

Os pais e o juvenil estão saindo para a segurança longe do local do ninho e dos gaviões agressivos. Foto © Eric Horstman

## **Caturrita invasora nas Ilhas Caimã**

### **Artigo e fotos © Kristan D. Godbeer**

Meu primeiro contato com as caturritas (*Myiopsitta monachus*), foi durante o início dos anos 1990 enquanto trabalhava como um avicultor em zoológico no Reino Unido.

Estava encarregado dos cuidados de uma pequena colônia. Apesar de não serem tão chamativas visualmente tal como muitos outros psitacídeos, seu comportamento pouco usual certamente compensava. Elas demonstravam serem aves muito ativas, barulhentas, e uma vez que se acostumavam com o local começaram a construir o seu típico ninho comunitário, feito de galhos verdes. Até então, eu havia apenas lido sobre seus ninhos no livro Psitacídeos do Mundo escrito por Forshaw.

Durante esse período as caturritas estavam facilmente disponíveis para o comércio de aves de estimação. Seu preço relativamente baixo, fácil manutenção, e hábito de construir um ninho comunitário as tornaram itens populares de aviários, tanto que diversas mutações de cores foram desenvolvidas. A sua fidelidade a seu ninho levou a algumas coleções deixarem as aves voarem livremente, já que tinham confiança que voltariam para casa a cada entardecer para pernoitar. Eu me lembro de ver essas aves em liberdade no Reino Unido durante os anos 90.

Pouco sabia naquela época que milhares de quilômetros de distância de suas terras nativas essas maravilhosas e interessantes aves iriam se tornar um problema em múltiplos locais ao redor do mundo. Além do mais, eu não teria suposto que duas décadas mais tarde eu iria fazer uma determinação do status e programa de controle de uma população introduzida no Caribe.

As caturritas foram introduzidas nas Grandes Caimã em 1987 e em 1999 dez colônias ferais conhecidas foram estabelecidas. Em 2004, o Furacão Ivan devastou a ilha e reduziu muito de sua avifauna. As caturritas, no entanto, superaram a tempestade.

Com a população tendo-se restabelecido, era importante determinar seu status com vistas à possivelmente controlar a população. Três anos após o Furacão Ivan eu cheguei nas Grandes Caimã, como um de três Pós graduandos da Universidade de

Exeter pelo Centro para Ecologia e Conservação. Meu objetivo era determinar o status da população feral de caturritas para o Governo das Ilhas Caimã, Departamento de Meio Ambiente (DoE).

Durante meu primeiro dia na ilha eu visitei um resort popular de mergulho e imediatamente escutei as vocalizações dos periquitos emanando de um grupo de altas palmeiras de coco (*Cocos nucifera*). Você geralmente escuta essas aves muito antes de avistá-las. Um grande ninho comunitário pode ser claramente visto, mas com uma inspeção mais detalhada outros pequenos ninhos foram detectados entre os coqueiros. Naquele momento eu pude respirar aliviado. As suas vocalizações eram um claro indício de sua presença. Com meticolosa paciência e determinação, eu estava confiante que iria encontrá-las.

Apesar do fato de que elas foram introduzidas, tenho que admitir que gostei de observar caturritas selvagens pela primeira vez. Eu comecei a ver a atração de ter essas aves atrativas voando ao redor da casa de alguém. Elas eram muito barulhentas desde suas sublimes moradas, ocupadas em se movimentar entre ninhos e jardins vizinhos com galhos verdes, muito similar àquelas aves de cativeiro anos atrás.

Elas tiveram um grande cuidado com seus ninhos, removendo qualquer trepadeira invasora, e continuando a fazer melhorias estruturais. De maneira interessante, elas criaram entradas dependuradas, e circundaram essas com galhos espinhosos, presumivelmente para deter predadores.

### **Porque se preocupar?**

Existem várias razões para se preocupar. A presença das aves se mostrou ser problemática para a empresa de energia elétrica local, porque elas frequentemente nidificam no topo dos postes de eletricidade, causando falhas na transmissão. Uma grande preocupação para o DoE era o seu potencial para exacerbar o conflito entre humanos e vida selvagem e os efeitos deletérios que isso poderia ter sobre a fauna nativa, em particular sobre o Papagaio das Caimã (*Amazona leucocephala caymanensis*).

Não é preciso um grande salto na imaginação para imaginar bandos de caturritas descendo sobre lavouras. Isso não ajudaria em nada a reputação já manchada dos Papagaio das Caimã dentro dos círculos agrícolas. Um aumento nas visitas às lavouras poderia provocar os fazendeiros ao tomar iniciativas contra as aves, incluindo o papagaio endêmico que também tem efeito sobre a lavoura. A caça ilegal e captura de psitacídeos nativos por fazendeiros tem sido uma preocupação na conservação por um longo tempo (leia *PsittaScene*, Maio 2010).

Adicionalmente, com o passar do tempo a introdução de espécies exóticas pode mudar a percepção do público sobre seu ambiente natural. Consequentemente nós vemos uma mudança de conceitos; as pessoas começam a se identificar com a fauna e flora introduzida que eles experienciam diariamente. Exemplos desse fenômenos já estão evidentes nas Grandes Caimã.

Por exemplo, o pinheiro Australiano (*Casuarina equisetifolia*) é uma árvore ornamental exótica para sombreamento popular que está rapidamente se espalhando pela costa, substituindo a flora nativa em muitas áreas. Gerações cresceram com essas árvores e aprenderam a apreciar a sua forma, motivando pedidos para que grandes e velhos espécimes sejam protegidos.

De maneira similar, muitas pessoas gostam de ter as caturritas construindo ninhos em seus jardins, ou em seus hotéis. Elas com certeza adicionam um toque de exotismo na George Town urbana. O DoE temia que a presença de que tais espécies carismáticas seriam consideradas normais e possivelmente bem vindas. Os guias turísticos já estavam apontando para as caturritas dizendo que eram Papagaios das Caimã, e os turistas frequentemente os confundiam pelos psitacídeos nativos endêmicos.

Acreditava-se que era prudente remover os periquitos antes que a familiaridade encorajasse uma afeição errônea pela espécie, assim como uma oposição pública a um programa de controle.

### **Uma busca extensiva na ilha**

Um censo completo das áreas urbanas e agrícolas nas Grandes Caimã foi realizado, cobrindo 94km<sup>2</sup>, percorrendo 669 Km de estradas, caminhos e trilhas, por um período de mais de 30 dias. Também as florestas da ilha, matagais e manguezais foram sistematicamente inspecionados durante uma grande pesquisa sobre aves.

Havendo uma descoberta, as aves foram contadas em seus ninhos. Mesmo quando nós havíamos relatado a localização das colônias, as aves estavam se reproduzindo, dispersando e começando novas colônias. Nós precisávamos de um método para localizar rapidamente novas áreas de nidificação quando observados o que parecia ser uma ave errante. A rádio telemetria proporcionou uma ferramenta para a informação. Um número de periquitos foi capturado, equipado com rádio-transmissores e então soltos.

Os transmissores funcionaram muito bem, e fomos capazes de seguir as aves através das ruas, jardins e parques de George Town. Descobrimos que os periquitos tinham áreas de uso razoavelmente pequenas, e deixavam o ninho para forragear na área circundante não mais do que 1.2Km do ninho. Utilizamos essa informação para desenvolver uma técnica de busca.

Quando um periquito forrageando era observado fora de uma área conhecida de nidificação, uma varredura radial da área circundante invariavelmente resultava em um novo ninho. Descobrimos que as aves voavam uma rota bastante direta entre seus ninhos e as áreas de forrageio; portanto, a busca poderia ser ainda mais estreitada. Isso foi ainda mais facilitado pelo nosso conhecimento de suas preferências pela área para nidificar.

A população de periquitos havia se espalhado através das áreas urbanas e agrícolas das Grandes Caimã, com as maiores densidades no Sudeste. Eles

demonstraram uma grande preferência por habitat modificado por humanos: áreas urbanas e agrícolas. Nessas áreas a copa das árvores é aberta, parecendo-se mais com um cerrado, o oposto da densa vegetação natural das Caimã. O desmatamento da ilha parece estar facilitando a invasão dos periquitos, enquanto que está de outra maneira diminuindo o habitat natural dos psitacídeos endêmicos das Caimã. Ao contrário da maior parte dos psitacídeos, as caturritas não necessitam de cavidades para nidificar.

Elas constroem seus ninhos em estruturas altas naturais ou feitas por humanos. Nas Grandes Caimã, os Coqueiros e Palmeiras Reais (*Roystonea regia*) são as preferidas para nidificar. O seu plantio geralmente segue a limpeza da floresta/manguezal e desenvolvimento, proporcionando plataformas de nidificação para os periquitos. Onde as palmeiras não estavam disponíveis, postes de eletricidade ou de telefones eram suficientes.

Assim como com os psitacídeos endêmicos, as caturritas demonstraram um comportamento alimentar generalista, se alimentando de frutos abundantes da estação, brotos e sementes. Tal como antecipamos, elas também foram observadas saqueando plantios de manga (*Mangifera indica*), e isso também foi confirmado pelos fazendeiros locais. Esse comportamento potencialmente perigoso proporcionou um ímpeto para implementar o controle da população.

### **Captura**

Com o término de meu programa de graduação eu me tornei um empregado do DoE, com o trabalho de monitorar e proteger as espécies terrestres das Ilhas Caimã, incluindo seus psitacídeos endêmicos. Portanto, a liderança do programa de controle também foi dada a mim. Leis rígidas nos deixaram sem escolha senão capturar as aves em seus ninhos.

O hábito dos periquitos de retornar ao seu ninho a cada entardecer para dormir era um óbvio calcanhar de Aquiles. Portanto, nós optamos por capturá-los em seus ninhos durante a noite. Como iríamos conseguir capturá-los 15m ou mais acima do solo? Por muitas noites nossa pequena equipe viajou através da ilha, com uma escada articulada de 15m em um reboque.

Essa tarefa não foi fácil, conforme o equipamento devia ser arrumado e montado na escuridão, frequentemente na beira de estradas. Apesar das logísticas necessárias para conseguir o equipamento no local com algum silêncio, capturar as aves foi relativamente fácil. Durante a aproximação as redes foram estendidas silenciosamente e colocadas gentilmente sobre a entrada nos ninhos. Uma vez próximo do ninho, os ninhos foram balançados fazendo com que as aves saíssem e voassem na rede.

No entanto, os ninhos nos cabos de eletricidade eram um perigo para segurança particularmente sinistro. Felizmente nós fomos capazes de organizar uma parceria com benefícios mútuos com a companhia elétrica local. Um dos engenheiros mais velhos também era um avicultor. Ele era qualificado para trabalhar próximo dos

cabos de eletricidade. A sua equipe nos acompanhou quando era necessário, e nos auxiliou para remover as aves.

Nossos métodos de controle foram bem sucedidos em reduzir as caturritas em 86% dentro de um ano. Infelizmente as dificuldades fiscais das Caimãs nos últimos anos, além de mudanças não previstas na equipe e circunstâncias no DoE, preveniram um maior controle da espécie. Conseqüentemente, a população parece estar aumentando. Planos estão sendo discutidos de maneira a reestabelecer o programa de controle, e continuar até atingir a erradicação.

O programa de controle inicial veio em boa hora. Nós não encontramos nenhuma oposição pública forte. Talvez houvesse havido, se as aves fossem deixadas tornarem-se mais difundidas, e uma parte mais estabelecida da avifauna local. O mesmo se aplica hoje em dia. Se um programa de controle deve ser realizado sem problemas, deve ocorrer antes que a espécie se torne parte do local.

Em parte, o problema com uma espécie invasora foi devido a uma falta de legislação suficiente em relação à importação de flora e fauna. Apesar de boas leis sobre a vida marinha com capacidade de aplicação de leis, as Caimã estavam atrasadas sobre uma proteção legal adequada de seu ambiente terrestre. Após muitos anos de negociação e debate, a Lei de Conservação Nacional das Ilhas Caimã foi passada no final de 2013, mas ainda deve ser aprovada.

Foi uma ação positiva, já que será ilegal soltar de própria vontade espécies exóticas sem uma autorização apropriada, e também irá haver um maior controle sobre a importação de espécies exóticas. Uma redução na importação de espécies potencialmente invasoras deve liberar recursos de patrocínio para outros esforços de conservação importantes.

Além do mais, se uma nova lei atrasa o desmatamento e aumenta a preservação, as florestas naturais serão mantidas para os psitacídeos das Caimã e prevenida uma maior dispersão das caturritas.

A invasão da caturrita nas Ilhas Caimã é só um exemplo que ressalta a importância no controle de importação e numa avicultura responsável. Também destaca as conseqüências que a introdução de uma espécie exótica pode ter, seja intencionalmente ou por acidente. Tal como muitas pessoas eu gosto das caturritas.

Inicialmente eu achei que era contraintuitivo removê-los da natureza, especialmente para alguém que prefere estudar e conservar psitacídeos. Nesse caso, no entanto, eu senti que foi um esforço positivo para a conservação de modo a preservar a integridade da fauna das Caimã, e claro seus psitacídeos endêmicos. Além do mais, eu descobri muito sobre as caturritas, e aprecio a sua adaptabilidade e tenacidade dessas admiráveis pequenas aves.

Kristan D. Godbeer é um biólogo de vida selvagem, atualmente vivendo em Chandler, Arizona, EUA.

## **Fotos:** Caturrita feral, Grand Cayman

Um psitacídeo endêmico das Caimã empoleirado em uma mangueira. Psitacídeos comendo mangas já causam conflitos com fazendeiros.

A Ilha das Grandes Caimã está localizada no oeste do Caribe, e é o único lar do Papagaio das Caimã (*Amazona leucocephala caymanensis*) mostrado à esquerda, cuja sobrevivência está ameaçada devido à perda de habitat, desastres naturais e captura e caça ilegal.

Locais de nidificação para caturritas: elas geralmente preferem nidificar em Coqueiros (acima à esquerda), mas também irão nidificar em postes de eletricidade (acima à direita), frequentemente causando falhas de energia. As caturritas se alimentam em cultivos de manga, potencialmente aumentando o conflito entre humanos e vida selvagem com os fazendeiros (abaixo à esquerda). Um habitat típico de floresta tropical seca na Grande Caimã, lentamente sendo destruído conforme a urbanização se expande (abaixo à direita).

Utilizando a radio telemetria nos periquitos na área de George Town na área das Grandes Caimã (esquerda). Uma fotografia aérea revelando o desmatamento e urbanização das Grandes Caimã (direita).

## **Considerações sobre o controle populacional...**

**O bem-estar de psitacídeos e a conservação de psitacídeos algumas vezes colidem?** O fato de que algumas espécies de psitacídeos podem viver e até mesmo se expandir fora de sua área de ocorrência natural é bem conhecido, e os psitacídeos ferais agora existem em muitos locais ao redor do mundo. A maior parte são espécies recentemente introduzidas que são extremamente adaptáveis e tendem a ser encontradas em áreas urbanas.

Frequentemente dentro das primeiras duas décadas, e algumas vezes menos, as suas populações se tornam estabelecidas e crescem até atingir números consideráveis. O que não sabíamos, e em muitos casos não podemos prever, é onde essas populações vão estar de 50 a 100 anos a partir de agora em termos de números de aves, onde irão viver, e o que irão comer.

Quando elas se expandem, as populações podem criar ao menos três questões importantes: encontros com aves nativas, conflitos com a agricultura, e problemas com doenças introduzidas. A primeira pode ser uma preocupação com a conservação, principalmente já que as aves nativas que nidificam em cavidades podem ser limitadas pela disponibilidade de ninhos devido à derrubada de árvores e animais ferais. O segundo assunto – conflito com a agricultura – é mais uma preocupação de bem-estar devido às questões econômicas envolvidas, e a vida selvagem sofre como resultado. O terceiro problema – doenças introduzidas – podem ameaçar as populações selvagem locais assim como humanos.

**Existem respostas fáceis para questões como essas?** Infelizmente não. Cada situação é única e requer uma consideração cuidadosa, balanceando a conservação da vida selvagem e questões sobre bem-estar com aquelas das populações locais e suas necessidades. Os biólogos governamentais tais como aqueles nas Ilhas Caimã devem lidar com essas decisões difíceis frequentemente – raramente a solução é fácil, e escolhas devem ser feitas entre um número de opções pouco desejáveis.

O sapo cururu (*Rhinella marina*) foi introduzido na Austrália nos anos 1930 como uma medida para controle de pragas agrícolas. Sem ter predadores naturais, agora está ameaçando as espécies nativas desde o Caribe até a Austrália.

A mosca branca do algodão (*Bemisia tabaci*) se espalhou ao redor do mundo devido ao transporte de produtos agrícolas infestados. Uma vez estabelecida, se espalha rapidamente e causa a destruição de lavouras ao redor do mundo através de doenças e hábitos alimentares.

O arbusto groselha (*Miconia calvescens*) – também conhecido como “câncer verde do Tahiti” e “praga roxa do Havai” - é considerada uma das mais destrutivas ameaças para habitat de floresta tropical insular na sua área introduzida.

O esquilo cinzento (*Sciurus carolinensis*) conseguiu chegar dos EUA para o Reino Unido, Irlanda, Itália e África do Sul, e é uma ameaça significativa para outras espécies através da competição por recursos alimentares e disseminação de doenças.

**Fonte: Banco de dados Global sobre Espécies Invasoras.**

## **Paraíso Encontrado**

### **Artigo e fotos por Jamie Gilardi**

Não é todo dia que rumores sobre psitacídeos ameaçados se tornam realidade, especialmente rumores de populações novas e saudáveis. Muito para nossa agradável surpresa, isso é exatamente o que aconteceu recentemente em uma pequena ilha na América Central.

Por anos nós escutamos que uma subespécie singular do Papagaio-de-nunca-amarela (*Amazona auropalliata caribaea*) havia se tornado extremamente raro na ilha de lazer de Roatan nas Ilhas da Baía de Honduras – a típica estória triste de psitacídeos e humanos não conseguindo compartilhar um lar com florestas. Mas recentemente, também escutamos que uma ilha de propriedade particular na área da Baía ainda continha uma população de umas poucas centenas desses Papagaios ameaçados.

E num golpe de sorte, um de nossos parceiros no projeto de reintrodução de Araras-piranga em Copan, Honduras, Lloyd Davidson – havia passado muitos anos em Roatan. Através de uma conexão de Lloyd pudemos visitar essa ilha e determinar se os rumores de centenas de Papagaios era verdadeiro. Como é uma ilha



particular completamente fora de acesso para visitantes curiosos, esperávamos que o nível extremamente alto de segurança organizado pelos proprietários da ilha pudesse impedir e processar todos os traficantes que tentassem acessar a ilha, e ajudaria na recuperação dos papagaios remanescentes. Uma visão otimista talvez, mas o potencial para um local bem protegido para essa espécie me faz ainda mais desejoso de ver o local com meus próprios olhos e ver se tais histórias poderiam possivelmente ser verdadeiras.

Minhas últimas experiências com os Papagaios-de-nuca-amarela não eram tão boas. No começo dos anos 1990, eu trabalhei em um projeto de campo da UC Davis no sul da Guatemala onde estudamos uma população razoavelmente grande ainda que grandemente traficada de Papagaios-de-nuca-amarela...membros da mesma subespécie que uma vez se distribuiu ao redor da costa do Pacífico da América Central desde o México até a Costa Rica. Aprendemos muito sobre essas aves, seus hábitos de forrageio, reprodução e comportamento reprodutivo. Mas apesar de nossos esforços para proteger os ninhos de traficantes, incluindo guardas armados, quase todos os ninhos foram saqueados, a cada ano. Como aves super falantes, tristemente os Papagaios-de-nuca-amarela e seus parentes próximos continuam altamente procurados para o comércio doméstico e internacional.

Aquele estudo e o nível chocante de tráfico que descobrimos levou diretamente a que Cathy Toft, Tim Wright e mais de 20 outros pesquisadores combinassem seus trabalhos sobre tráfico de psitacídeos em uma publicação científica essencial sobre os efeitos devastadores do tráfico sobre os psitacídeos do Novo Mundo. Mais tarde, essa publicação inspirou uma análise similar pela RSPB e outros ao redor do mundo, e as duas publicações combinadas proporcionaram uma base científica forte para nossa campanha contra o comércio de aves capturadas na natureza que levou diretamente à proibição sobre aves selvagens importadas na União Européia – um final feliz após 15 anos de trabalho. De volta à Guatemala, no entanto, o alívio das pressões internacionais sobre o comércio veio muito tarde, e em uma visita recente à área após 20 anos da minha primeira visita, fiquei triste em encontrar nenhum Papagaio-de-nuca-amarela, e o avicultor local Scott McNight, confirmou que eles estão todos extintos naquela região.

Portanto, quando Lloyd e eu chegamos nessa ilha sedutora por barco nesse último mês de Março, estávamos esperançosos porém não tão certos do que encontraríamos. Após uma recepção amigável dos administradores da ilha, saímos em um veículo 4x4 para dar nossa primeira busca. Em relação a psitacídeos, as coisas estavam bastante quietas. Mas como fazem os psitacídeos em todos os locais, o meio do dia é claro hora da siesta. Por outro lado, os números de duas espécies endêmicas e ameaçadas eram encorajadoras: A versão das Ilhas da Baía do iguana de cauda espinhosa de Roatan e a cotia de Roatan – um roedor do tamanho de um coelho.

Já que os dois são grandes e bastante comestíveis, eles foram caçados por séculos ou mais, e ambos estão quase inteiramente desaparecidos das ilhas vizinhas. Ainda

assim essa ilha estava lotada deles e tínhamos que literalmente desviar deles já que ocasionalmente se aqueciam ao sol ou pulavam pelas estradas de cascalho. A sua abundância era sem dúvida um indicador bem vindo sobre a saúde das florestas da ilha, e dentro de algumas poucas horas, fomos recompensados com um show ao entardecer com Papagaios que não poderíamos ter antecipado anteriormente.

Naquela primeira tarde e então nos amanheceres e entardeceres subsequentes encontramos um número impressionante de psitacídeos em todas partes da ilha que tivemos tempo de visitar – literalmente centenas deles por todo lugar. Geralmente estavam em casais e pequenos bandos voando para todas as direções, e mesmo quando não podíamos ver as aves voando acima da copa das árvores, podíamos ouvir a cacofonia de suas vocalizações.

Em uma segunda viagem à ilha em Setembro que incluiu o ornitólogo experiente, Alexander Alvarado, pudemos confirmar que as altas densidades de papagaios que vimos em Abril eram consistentes por toda a ilha. O que quer dizer que não visitamos apenas alguns pontos com grande concentração de papagaios em nossa primeira visita, a ilha inteira era um bom local para as aves! Isso reforçou nossa impressão de que essa ilha particular é atualmente o lar de mais de mil Papagaios-de-nuca-amarela, tornando-a de longe a população de maior e maior densidade dessa espécie em qualquer local do mundo.

Colocando de lado casos especiais tais como os barreiros de argila na América do Sul, “bais” ou clareiras na floresta na África Central, e espécies nomádicas tais como Periquitos Australianos, o número uniformemente concentrado de Amazonas nessa ilha são extremos e me forçaram a repensar o que é possível – realmente o que talvez seja “normal” em termos de números anteriores à exploração – para densidades de psitacídeos em qualquer lugar do mundo. Me fez imaginar se os relatos dos primeiros exploradores como Colombo não eram exageros no fim das contas – mesmo aqueles descrevendo psitacídeos “escurecendo os céus”. Poderia ser que para algumas populações que pensamos estar relativamente saudáveis hoje em dia são na verdade uma mera sombra de sua abundância anterior?

E então em nossa última noite da segunda visita, encontramos algo mais que foi inesperado após uma curta viagem de barco até uma pequena e próxima ilha desabitada. Essa ilha retém alguma cobertura de floresta tropical intacta e possivelmente psitacídeos, e responder a pergunta sobre psitacídeos era obviamente o propósito dessa viagem paralela.

Após uma caminhada ao redor da praia de uma grande lagoa cercada por manguezal, chegamos em uma alta clareira próxima do fragmento mais extenso de floresta. Dali nós podíamos facilmente ver a maior parte da ilha, a metade oeste da ilha particular (com todos psitacídeos), e o final de uma das ilhas maiores e mais urbanizadas na Baía.

Por volta da hora que estávamos quase desistindo e voltando, para nossa alegria, um grupo de dez Papagaios-de-nuca-amarela rapidamente e fazendo barulho se

reuniram conforme o sol estava se pondo. Então eles fizeram uma coisa que nunca tínhamos visto antes. Como um grupo coeso, eles começaram a voar acima da floresta, lentamente ganhando altitude e voando direto nas correntes de vento e tentando se dirigir para a ilha particular para se juntar a seus muitos colegas!

Após uns bons quinze minutos de voo continuado no qual eles ganharam elevação mas não fizeram progresso em direção a seu objetivo, eles finalmente desistiram e desceram até a floresta centenas de metros abaixo. Para nós pareceu que eles tinham toda a intenção de fazer dormitório na ilha próxima, mas simplesmente não conseguiram superar os poderosos ventos de proa.

Conforme nos dirigimos de volta ao barco, vimos as mesmas dez aves repetirem o comportamento, voando bem acima do dossel das árvores e na direção da ilha maior, mas novamente, casal a casal, eles desistiram e desceram de volta na floresta presumivelmente para passar a noite. Os locais dizem que algumas vezes eles veem papagaios voando através do canal de 1,5Km entre as ilhas, e apesar de que nós não testemunhamos isso diretamente, o que fizemos sugeriu que era sem dúvida o plano.

O movimento entre ilhas dessas aves é claro uma questão crítica para sua sobrevivência a longo prazo. Pode significar que a população continue a crescer na ilha particular e eventualmente alcance a capacidade de suporte da ilha, a população pode se expandir para as ilhas vizinhas, desabitadas. Mas também pode significar que as aves que estariam de outra maneira em segurança na ilha particular, estão suscetíveis ao tráfico nas ilhas menos protegidas.

Com certeza, precisamos saber mais sobre esses movimentos, se são sazonais, quais aves estão envolvidas (reprodutores ou não-reprodutores), quão longe viajam, e que destino os espera lá. Felizmente, uma porção de Roatan foi deixada de lado como um Parque Nacional e contém uma quantidade de habitat para excelente alimentação e possivelmente reprodução para os Amazona.

As perspectivas para todo trabalho de conservação nesse paraíso particular são sem dúvida promissoras, especialmente se a proteção atual continue sendo feita. Parece que os Amazona irão continuar a crescer em números juntamente com a recuperação da floresta devido ao histórico uso de pastos para gado. E a proteção para outras espécies endêmicas auxilia os crocodilos, cotias, iguanas e muitos outros residentes.

Nesse último ano, os proprietários da ilha lançaram um programa bem sucedido para as tartarugas de pente que produziram centenas de filhotes para uma soltura posterior.

É claro que as ilhas costeiras bem protegidas também tiveram um papel importante na recuperação de muitas espécies ameaçadas, particularmente na Nova Zelândia onde as aves como o criticamente ameaçado Kakapo e outros, encontram refúgio até hoje. Se manejada cuidadosamente, essa ilha privada poderia ter tal papel para espécies selecionadas de aves, mamíferos e répteis que são tão ameaçados no

continente – possivelmente incluindo a ave nacional de Honduras, a Arara-piranga (*Ara macao*) – e por consequência proporcionar um paraíso seguro único e por fim uma fonte de animais para reintroduções em áreas protegidas em locais onde ocorriam anteriormente.

Por enquanto, no entanto, estamos simplesmente maravilhados em relatar que existe ao menos um local no mundo onde o adorado Papagaio-de-nuca-amarela está vivo e bem...e sim, muito abundante!

Alexander Alvarado e Lloyd Davidson buscando os Papagaios nas ilhas.

Filhotes de tartaruga de pente, o admirável resultado do primeiro ano do programa de reprodução inaugurado pelos donos das ilhas.

A versão das Ilhas da baía do iguana de cauda espinhosa de Roatan.

A cotia de Roatan – um roedor do tamanho de um coelho caçado até a extinção nas ilhas vizinhas.

## **Páginas PET**

### **Uma estória de duas mordidas**

#### **Artigo e fotos por Bev Penny**

A contribuidora dessa edição, Bev Penny, é Diretora do Parrot Resource Centre, e a fundadora da Crazy Bird Ladies, um grupo online formado com o único propósito de arrecadar dinheiro para ajudar aves em dificuldades.

Uma autora com publicações e estudante da Análise Comportamental Aplicada, ela também é a criadora do *LivingWithParrots.com*, onde ela luta para guiar os cuidadores através dos desafios de compartilhar seus lares com psitacídeos.

Bicar não é – e nunca deve ser – um comportamento aceitável, porque significa que você está forçando demais a sua ave.

A melhor predação de um comportamento futuro é após a sua consequência. Isso significa que sua ave aprendeu que bicar funciona para fazer com que consiga o que quer, e ela irá utilizar de novo quando colocada em uma situação onde a escolha lhe foi retirada. Se você utilizar seu tempo para aprender as habilidades necessárias para implementar uma mudança de comportamento, bicadas terão se tornado uma coisa do passado.

Apesar de duas bicadas anteriores, eu ainda deixo minha fêmea de 18 anos de *Cacatua goffini*, Zazu, chegar perto do meu rosto todo o tempo. Eu deixo a Zazu ficar no meu ombro porque confio nela. Seu bom comportamento a premiou com “privilégios no ombro”. As fotos seguintes podem dizer o contrário, mas acredite em mim quando digo que eu sou responsável pelas duas bicadas. O comportamento de

aves é uma coisa muito, muito sutil, e perdemos muitas das dicas que nos dizem para nos afastarmos.

A comunicação com psitacídeos é diferente de um cão ou gato, ou qualquer outro animal realmente. Um cão rosna para nos fazer saber que está desconfortável ou não quer fazer algo que pedimos. Nós ouvimos isso. A comunicação de sua ave que ela não quer fazer alguma coisa pode ser tão sutil como um leve movimento para frente de algumas penas. Nós precisamos treinar a nós mesmos para observar esses comportamentos sutis, para ouvir, e respeitar o que nossas aves estão nos dizendo.

Bicar e gritar são duas das maiores razões pelas quais psitacídeos são relocados de suas casas. Eu vou ser a primeira a admitir que estar na posição de se receber uma bicada não é divertido. Aquele bico pode infligir um dano bastante grave. No entanto, o comportamento que eu tenho que perguntar ainda mais do que a bicada em si, é o meu próprio comportamento.

**A figura 1 mostra o rosto bicado com uma adorável marca de 3 pontos de um bico da cacatua.**

Antes que eu tivesse começado ao estudar a Análise de Comportamento Aplicada (ACA), minha interpretação da bicada na face seria completamente diferente do que uma verdadeira interpretação ou pós-ACA interpretação. Minha primeira interpretação iria me deixar muito brava porque nós humanos não gostamos de admitir que ocasionalmente fazemos coisas realmente estúpidas.

Naquela noite que Zazu voou até mim e bicou meu rosto havia sido uma noite como qualquer outra com uma exceção – Eu estava mastigando e fazendo bolas de chiclete. Eu geralmente não mastigo chiclete e isso era novo para Zazu também.

#### **Interpretação do comportamento de Zazu pré-ACA:**

Eu estava sentada na cadeira com Zazu e ela simplesmente voou no meu rosto e me bicou – sem nenhuma razão. Ele deve estar “hormonal” ou agressiva, etc. etc. Não entendo; ela me atacou. Em um minuto eu estava sentada com ela e no seguinte ela voou no meu rosto e me mordeu no queixo. Tenho sido tão boa com ela, bla, bla, bla. Compro para ela todos os tipos de brinquedos e comidas especiais, porque ela faria isso comigo? Ela é uma ave má!

#### **Interpretação do comportamento de Zazu pós-ACA:**

Primeiramente, esse acontecimento nunca foi sobre o comportamento de Zazu e sim sobre o meu. Ela parecia extremamente interessada nas bolas e eu as estava enchendo, mas toda vez que ela ia pegar uma bola de chiclete eu sugava de volta na boca. Fiz isso umas duas vezes antes que Zazu decidiu que realmente queria aquele chiclete e foi atrás disso. Conforme ela foi agarrar a bola, eu suguei de volta na minha boca e infelizmente para mim, meu queixo estava no caminho e eu levei uma bicada bem feia no rosto conforme você pode observar na Figura 1. Isso é o

que acontece quando você irrita uma cacatua. O erro humano deve ser culpado por essa bicada, não Zazu.

**Vamos fazer uma análise Funcional:**

**Antecedente:** Bev irrita a Zazu.

**Comportamento:** Zazu bica o rosto de Bev.

**Consequencia:** Bev fica com dor.

**Lição aprendida:** A Bev é uma idiota por irritar a Zazu em primeiro lugar. Eu sabia que ela queria o chiclete. Reconhecendo nossos próprios problemas de comportamento é 99.9% da solução.

**Possível comportamento futuro:** Bev não irá mais irritar a Zazu de modo a prevenir futuras bicadas.

**Figura 2 mostra uma bicada que perfurou a artéria digital do meu dedo médio.**

**Interpretação do comportamento da Zazu pré-ACA:**

Eu estava me preparando para ir trabalhar mas percebi que havia um fio dependurado no poleiro de Zazu. Eu estava com pressa, mas decidi cortar de modo que não ficasse com os dedos presos enquanto estava fora. Pus minha mão na gaiola e bang, Zazu bicou minha mão. Ela perfurou a artéria digital de meu dedo médio. O ataque veio do nada. Ela devia estar brava comigo por alguma coisa ou talvez estivesse hormonal, etc., etc., etc. Eu poderia arranjar um monte de razões pela qual Zazu me bicou e todas teriam culpado a Zazu pela bicada.

**Interpretação do comportamento da Zazu pós-ACA:**

Eu estava me preparando para trabalhar e estava com pressa. Eu percebi que havia um fio dependurado no poleiro da Zazu e então decidi cortar o fio de modo que não ficasse com o dedo preso. Zazu estava dentro da gaiola. Deixa-la ali foi o meu primeiro grande erro. Tirando ela para fora enquanto cortasse o fio teria sido a perfeita mudança por antecedência.

Então eu peguei uma tesoura (item não conhecido pela Zazu) e coloquei direto na frente dela para cortar o fio e ela se defendeu contra a tesoura. Infelizmente, minha mão estava segurando a tesoura e fui bicada. De novo, um erro humano é a culpa pela bicada, não a Zazu.

**Possível comportamento futuro:**

Retirar a Zazu da gaiola e cortar o fio.

Em quase todos os casos onde alguém fala sobre ser bicado, é a ave que leva a culpa. As aves não bicam sem razão. O comportamento tem uma função e não acontece por nada. Portanto, a razão para a primeira bicada foi porque Zazu estava querendo a bola de chiclete e a razão para a segunda era que estava se protegendo

de um invasor estranho. Ela estava em sua casa (gaiola) e eu fui até ela com um objeto (tesoura) que ela não conhecia. Se fosse alguma pessoa entrando na sua casa, você faria o mesmo para se proteger. A lição que aprendi naquela manhã foi nunca colocar objetos estranhos na gaiola da Zazu enquanto ela está na gaiola. Foi uma lição dolorosa. Tudo que eu tinha que fazer era retirar a Zazu por um minuto, cortar o fio e colocá-la de volta.

O principal é, nós somos humanos e todos cometemos erros, mas porque culpar nossas aves pelos nossos erros? Devemos assumir a responsabilidade pelo nosso comportamento e reconhecer nosso papel no desenvolvimento dos problemas comportamentais em nossos psitacídeos. Ao seguir essas doutrinas da Análise de Comportamento Aplicada, podemos então diminuir ou eliminar comportamentos indesejados e aumentar os comportamentos desejados. E isso, meus queridos admiradores de psitacídeos, é uma coisa maravilhosa!

Legenda: Zazu, a *Cacatua goffin*.

## **Psitta News**

### **Novidades**

#### **Contrabandista de vida selvagem é preso**

O World Parrot Trust vem apoiando um trabalho dentro de cada país para impedir o comércio de psitacídeos capturados na natureza. Esse trabalho é contínuo e é afetado por problemas dependendo de cada país – o mais difundido sendo a corrupção.

### **Apreensões**

No final de Janeiro de 2013 uma apreensão de mais de duas centenas de aves foi confiscada na Guiné, África. Incluía uma centena de Papagaios-do-Senegal, uma dúzia de Papagaios-de-Timneh, periquitos e calopsitas, agapórnis, e outras aves. A organização francesa WCP (Projeto de Conservação Wara), que está baseada em Conakry para combater o crime contra vida selvagem e corrupção como parte da rede EAGLE (Ativistas Eco para a Governância e Ação Policial), liderou a apreensão e cuidou das aves, com a ajuda do veterinário apoiado pelo WPT, Dr. Davide de Guz. O WPT também proporcionou patrocínio para alimento, cuidado veterinário, um tratador, e um aviário pré-soltura na Ilha de Tamara, na Guiné, onde a maioria foi eventualmente liberta.

### **História notável**

Seguindo a apreensão e soltura, inúmeras prisões foram feitas – a mais notável um grande traficante de animais selvagens na área, Ousmane Diallo, o indivíduo responsável pela remessa citada anteriormente. Diallo, que admitiu ter estado no tráfico de mais de 500 chimpanzés, leões, panteras, hienas e milhares de aves, estava como fugitivo desde Janeiro.

Ele foi condenado em ausência a um ano na prisão no meio de 2013 enquanto era um fugitivo. Foi encontrado e preso, e exerceu seu direito de se opor à decisão da corte. Num segundo julgamento ele foi mantido preso e sentenciado a 6 meses de prisão e \$17,000\$ em danos. Após alguns meses em custódia ele foi ilegalmente solto no final de Novembro por um ministro da justiça na corte de apelação que havia assinado uma ordem sem o consentimento de seu superior.

Diallo fugiu, e continuou a escapar das autoridades até 2014, quando foi finalmente preso uma segunda vez durante uma operação feita pelo Bureau Central Nacional da Interpol em Conakry e pela WCP. O caso contra Diallo começou em 7 de Abril na corte de apelação.

Essa série de incidentes ilustra as dificuldades de se trabalhar para impedir o comércio de vida selvagem em muitos países onde existem psitacídeos. A corrupção e conluio nas atividades criminosas frequentemente permeiam os mais altos níveis no governo. Isso impede e sabota os esforços para se continuar a pressão contra aqueles que comercializam a vida selvagem.